

A função paterna na cena primitiva interpretativa*

*Béatrice Ithier***, Paris

*Ruggero Levy****, Porto Alegre

Os autores consideram que o processo interpretativo integra bem mais que uma função paterna ou uma função materna considerada separadamente, pois a geração do sentido requer do analista uma cena primitiva mental, da qual nasce o reconhecimento, a transformação e a restituição das comunicações desenroladas na dupla valência da associação livre e da rêverie.

Palavras-chave: terceiro, vínculos, simbolismo, metaforização, rêverie, função negativante, cena primitiva interpretativa.

* Artigo primeiramente publicado na Revue Française de Psychanalyse, Vol. LXXVII, número 5, 2013 p. 1571-1576. http://www.cairn.info/resume.php?ID_ARTICLE=RFP_775_1571

** Membro titular da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).

*** Psiquiatra, psicanalista didata e membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Ao final da apresentação oral de seu relatório, Christian Delourmel (2013) questionou demoradamente as relações entre princípio e função paternos. Pré-socrático por essência, o princípio assim referido parecia encontrar sua justificação numa definição filosófica do começo e do mandamento, enquanto o par inibição/terceirização, que, segundo ele, caracteriza a função paterna, possibilitava o nascimento de uma *tríade* na dinâmica processual do princípio.

Gostaríamos de abordar outra tríade presente no próprio dispositivo da interpretação. Com efeito, interrogando-nos acerca da função paterna da interpretação, pareceu-nos importante relacioná-la com uma função materna numa cena primitiva que gera a interpretação. Seria esse impasse na função materna, e não a ausência do analista que a sobredeterminou, que teria suscitado uma transferência lateral na clínica apresentada, gerando, talvez, na transferência-contratransferência, uma *forclusão*, no sentido como Christian Delourmel (2013) a entende?

A psicanálise contemporânea dedicou-se, através da noção de *rêverie* (Bion, 1962), não só à elucidação da função materna da interpretação, mas também ao seu pleno exercício no processo analítico. Entende-se que a identificação projetiva não patológica, comunicativa, requer da parte do analista, na valência regressiva do tratamento, uma capacidade de continência que pressupõe uma recepção, uma elaboração e uma restituição da comunicação ou das comunicações a ele endereçadas. O vértice materno é insuficiente para caracterizar tal dispositivo e para garantir uma evolução e uma progressão do processo. Como pensar, então, o destino das comunicações em sessão, pelo qual se afirmará ou não o crescimento psíquico do paciente e do processo analítico, ou mesmo o do analista também?

Propomos realizar um recorte das inúmeras funções da interpretação e de sua compreensão, partindo do princípio geral de que, para que haja crescimento mental, uma relação triangular é necessária. Desde suas primeiras formulações, Freud (1891) mostra que o sentido simbólico é adquirido na ligação entre a representação de palavra e a representação de coisa. Em 1911, ele afirma que o pensamento primordial nasce graças à possibilidade de estabelecer ligações entre as impressões sensoriais. Por isso, pensamos que é através da ligação estabelecida entre dois elementos que nasce um terceiro, a saber, o símbolo, a representação.

Isso nos remete ao que Dana Breen descreve em seu trabalho intitulado *Le phallus, le pénis et l'élargissement de l'espace mental* (1996). Ela explica que, no transcurso do desenvolvimento emocional, a estrutura mental *falo*, que implica uma fantasia de onipotência e onisciência própria do campo do narcisismo, é substituída pela estrutura mental *pênis*. A construção da noção de pênis implica a

aceitação da incompletude, da necessidade do outro e da ligação de dois para gerar um terceiro. Este novo elemento caracteriza não só as relações intrapsíquicas, mas também as relações objetais em geral, inclusive a relação analítica. Neste sentido, a interpretação analítica desempenha um papel de *terceiro* ligando, numa relação *a dois*, um afeto e uma representação, ou, então, uma emoção e sua significação.

Não podemos deixar de destacar também o que a introdução do terceiro se deve à posição depressiva. Referindo-se às duas ideias centrais que embasam sua reflexão teórica em sua análise da *mãe morta*, André Green (1983) escreve:

a primeira é a da perda do objeto como momento fundamental de estruturação do psiquismo humano [...]. A segunda ideia [...] é a da posição depressiva. [...] As duas ideias atrelam-se a uma situação geral que se refere a um acontecimento inelutável do desenvolvimento (p. 223-224).

Marcador da perda, a posição depressiva inclui esse processo que permite sua simbolização, isto é, o desapego do sujeito em relação ao objeto e a aceitação deste desapego. A identificação projetiva pode então transformar-se em comunicação baseada em modalidades mais comunicativas, uma vez que o bebê percebe a mãe, o pai, os objetos do seu entorno e a si mesmo como entidades separadas.

Geneviève Haag, no artigo *De l'incorporation des liens aux processus de symbolisation* (1990), descreveu de que modo o bebê constitui para si uma representação simbólica dos vínculos em seu mundo interno, a partir de sua experiência do mamilo na boca, da troca de olhares entre ele e a mãe e da sensorialidade do tato. Esta descrição é bastante próxima daquela proposta por Melanie Klein em seu artigo sobre o desmame (1936). Percebe-se, portanto, que seio e pênis contribuem para essa função simbólica em sua referência ao vínculo. Ao que nos parece, o vínculo também constitui a referência fundamental da interpretação analítica em seu papel de terceiro. Acrescentamos que esse vínculo comporta-se como vetor do sentido e que as duas noções de vínculo e sentido constituem, a nosso ver, os fundamentos da interpretação. Para que nasça um sentido, vínculos têm de ser estabelecidos e, para que haja o reconhecimento do sentido e seu desenvolvimento, outros vínculos serão necessários, e assim por diante.

Essa geração dos pensamentos e do sentido deve muito ao simbolismo, a respeito do qual cabe uma nova referência a Melanie Klein (1930). O simbolismo, segundo ela, seria proveniente do conflito da criança em sua relação com o corpo

materno e com o corpo dos dois pais, que leva o bebê a efetuar um deslocamento de seu interesse libidinal e agressivo para o mundo que o cerca, atribuindo-lhe um sentido simbólico. Os símbolos oferecem assim uma função de continente aos conteúdos psíquicos, do mesmo modo que a mãe ou o analista em sua função de continente da identificação projetiva dos diferentes estados emocionais.

Na verdade, para explicarmos e enriquecermos a definição da função paterna, convém relacionar ao princípio paterno (Delourmel, 2013; Villa, 2013) a modéstia fervorosa do *Nebenmensch* (Freud, 1950c [1895]) em seu trabalho de psiquização¹ e metaforização, que caracteriza um aspecto importante do trabalho do analista. Nesta trajetória, dá-se a restituição do sentido. Em tal dispositivo, gostaríamos de assinalar o papel que o analista desempenha muitas vezes como objeto atrator, para citarmos aqui a expressão de Didier Anzieu. O analista, no campo (Baranger & Baranger, 1985) ou no sítio (Donnet, 2005), pelo seu manejo do processo de metaforização, situa as comunicações do paciente no eixo da relação emocional entre ele e o paciente.

Em outras palavras, para que *nasça* um novo pensamento, é preciso que se estabeleça o elo criador de dois, masculino e feminino, capaz de engendrar um terceiro, o novo pensamento. Enunciado por uma interpretação, ele se torna logo um conteúdo (masculino) que deverá ser assimilado pelo continente mental do paciente (feminino), produzindo um novo pensamento nele, e assim por diante. É evidente que se abre um universo de possibilidades de compreensão quanto à técnica interpretativa. Será que o paciente terá um espírito continente capaz de conter certa interpretação (conteúdo) formulada pelo analista? A interpretação ultrapassaria a capacidade continente do paciente nesse momento?

Bollas (1989) segue a mesma linha de pensamento, mas amplia sua proposta. Ele afirma que a busca do conhecimento implica a presença dos três personagens de Édipo: o filho, a mãe e o pai. Na sessão analítica, por exemplo, o filho se faz presente pelo sonho, o infantil, presente em sessão; a mãe está ali, no estado de *rêverie* do analista; e o pai, pela formulação da interpretação, o *outsider* que quebra a ilusão de fusão. Por este vértice, compreende-se, portanto, que o casal parental está sempre presente na condução de uma análise, mesmo que, às vezes, um ou outro seja obrigado a permanecer silencioso.

Se pensarmos na reflexão de Thomas Ogden e André Green sobre a terceiridade, ela parece ter renovado consideravelmente a função paterna da interpretação. André Green concebeu o enquadramento como um aparelho psicanalítico cuja função visa à maior transformação possível do aparelho psíquico

¹ N.R.: tradução literal do termo *psychisation* contido no original.

em aparelho de linguagem e reciprocamente (Green, 1984). Ele fala mais adiante em *estrutura enquadrante*. O terceiro em jogo no enquadramento analítico remete, no pensamento de Green, à triangulação edípica em seu duplo registro conteúdo-contingente, desenvolvida posteriormente numa concepção mais ampla da triangulação, uma vez que esse terceiro analítico se torna um terceiro objeto produzido no encontro paciente/analista (Green, 2000).

Para Thomas Ogden (1994), o terceiro é proveniente de uma criação comum do paciente e do analista na *rêverie* deste último e nomeia-se sujeito terceiro, diferente de cada um dos protagonistas tomados separadamente. O autor descreve, portanto, uma interação inconsciente de sujeição e reconhecimento mútuos, cuja restituição, após a receptividade e a transformação elaborativa, marca a separação dos psiquismos. Tais abordagens promovem uma função terceira da interpretação.

Isso nos leva, então, a resumir as funções paternas da interpretação, sem omissão de seu complemento materno, distinguindo-as da seguinte maneira: como terceiro que liga sujeito/objeto, afeto/representação, pensamento/pensamento fértil e criador na função *pênis*, como terceiro que se interpõe de modo estruturante, estabelecendo uma nova ordem que discrimina subjetividades que foram fundidas anteriormente no processo de comunicação primitiva e, por fim, como função negativante, que exclui tudo o que não está contido no enunciado.

Poderíamos também propor conceber o processo de *gestação*, de uma interpretação, da seguinte forma: a mente do analista em estado de *rêverie*, a partir de sua experiência emocional consciente e inconsciente, torna-se grávida de imagens e metáforas que contêm emoções em jogo. Estas imagens, na mente do analista, seguem uma trajetória de transformações simbólicas em crescente abstração: tornam-se enunciados verbais e associam-se, em seguida, às teorias disponíveis. A trajetória associativa consistiria em emoções, imagens, metáforas, palavras, conceitos, teorias. Possivelmente, no inconsciente do analista, apresentam-se as imagens, as metáforas ou as palavras que melhor contêm a experiência emocional vivenciada, ou então o analista deve produzi-las de forma onírica pela sua capacidade de sonhar, ou mesmo de alucinar e despersonalizar-se (M'Uzan, 1977). E, em nossa opinião, é nesse momento que a criatividade do analista intervém.

Todavia, para que esse processo se desenrole sem ser saturado pelas teorias do analista, convém que algo da ordem do negativo se produza em sua mente. Wilfred Bion (1962) é o primeiro a tomar emprestado a John Keats (1820) a noção de *capacidade negativa*. André Green (1993) falará em *trabalho do negativo*, Jean Laplanche (1990) dirá *recusa de saber* e, por sua vez, Donald Meltzer (1986) conceberá a *tolerância ao mistério*. Como bem afirmou Freud em 1912, o analista

deve orientar seu inconsciente, na condição de órgão receptor, para o inconsciente emissor do paciente, para que possa captar o material inconsciente velado. A genialidade de Freud (1912, 1915), ao descobrir a importância do relaxamento das cadeias lógicas na atenção flutuante, possibilitou abrir caminho para uma técnica da apreensão do inconsciente sem a teoria como primeiro recurso. Mas o que isto tem a ver com a função paterna?

Supomos que, para alcançar a capacidade negativa, a descarga pulsional que visa a reduzir a tensão provocada pela ausência do pensar precisaria ser inibida. Esta inibição seria o produto de algum interdito? Tal processo teria alguma ligação com a tese proposta por Christian Delourmel (2013) sobre o papel de inibição da função paterna? Dever-se-ia postular uma função paterna de inibição da descarga que favoreceria essa capacidade negativa tão importante? Parece-nos necessário considerar também que é justamente no transporte-deslocamento efetuado pela metaforização que se cumpre a função paterna inibidora, uma vez que as comunicações do paciente são deslocadas do puro registro da pulsionalidade para o eixo da relação psíquica com o objeto. A distinção do sentido da frase daquele do enunciado (Searle, 1982) atribui ao locutor uma intenção com duplo sentido, que também permite ao analista *psiquizar* transformando as moções ou protoemoções (Bion, 1962) do paciente, numa separação portadora do terceiro.

Por essa razão, partindo da indagação ingênua sobre o que o analista faz quando interpreta, consideramos que o processo através do qual o sentido será cogitado, reconhecido e restituído envolve uma atividade paterna do pensamento, a qual, quando referida à receptividade materna da psique, a sua *rêverie* através dos diferentes vínculos desenvolvidos, organiza a cena primitiva, a partir da qual será engendrada a constituição, o reconhecimento e a transformação do sentido comunicado. □

Abstract

The paternal function in the interpretive primal scene

The authors consider that the interpretive process integrates more than a paternal or a maternal function considered separately, since the generation of meaning requires from the analyst a mental primal scene that gives birth to the recognition, transformation and restoration of the communications used in the double valency of association and *rêverie*.

Keywords: third, links, symbolism, metaphorisation, rêverie, negativating function, interpretive primal scene.

Resumen

La función paterna en la escena primitiva interpretativa

Los autores consideran que el proceso interpretativo integra mucho más que una función paterna o una función materna tomadas separadamente, una vez que la generación de sentido requiere del analista una escena primitiva mental de la cual brote el reconocimiento, la transformación y la restitución de las comunicaciones desplegadas en la doble valencia de la asociación libre y de la rêverie.

Palabras-clave: tercero, vínculos, simbolismo, metaforización, rêverie, función negativante, escena primitiva interpretativa.

Referências

- Baranger, M. & Baranger, W. (1985). La situation analytique comme champ dynamique. *Revue Française de Psychanalyse*, 49 (6) : pp. 1543-1571.
- Bion, W. R. (1967). *Réflexion faite*. Paris : Puf, 1983.
- Bion, W. R. (1962). *Aux sources de l'expérience*. Paris : Puf, 1979.
- Bollas, C. (1989). *Les Forces de la destinée*. Paris: Calmann-Levy, 1996.
- Breen, D. B. (1996). Le phallus, le pénis et l'élargissement de l'espace mental. *The International Journal of Psychoanalysis*, 77 (4).
- Delourmel, C. (2013). De la fonction du père au principe paternel. *Présentation orale au 73^e CPLF [Congresso Psicanalítico de Línguas Francesas]*, le 9 mai 2013, Paris.
- Donnet, J.-L. (2005). La voie sublimatoire et la situation analysante. *Revue Française de Psychanalyse*, 69 (5).
- Freud, S. (1891). Les mots et les choses (extraits). *Le Coq-Héron*, n. 54, 1975.
- Freud, S. (1911). Formulations sur les deux principes de l'advenir psychique. In *Oeuvres complètes de Freud. Psychanalyse* (Vol. 11), Paris : Puf, 1998.
- Freud, S. (1912). Conseils au médecin dans le traitement psychanalytique. In *Oeuvres complètes de Freud. Psychanalyse* (Vol. 11), Paris : Puf, 1998.
- Freud, S. (1915). L'inconscient. In *Oeuvres complètes de Freud. Psychanalyse* (Vol. 13), Paris : Puf, 1988.

- Freud, S. (1950 c[1895]). Esquisse d'une psychologie scientifique. *La Naissance de la psychanalyse*. Paris : Puf, 1956.
- Green, A. (1983). La mère morte, *Narcissisme de vie, Narcissisme de mort*, Paris, Minuit, pp. 223-224.
- Green, A. (1984). Le langage dans la psychanalyse, (pp. 19-205), *Langages : Ile Rencontres psychanalytiques d'Aix-en-Provence*. Confluents psychanalytiques (Coll.). Paris : Les Belles Lettres.
- Green, A. (1993). Le travail du négatif et l'hallucinatoire. In *Le Travail du négatif*, Paris : Minuit.
- Green, A. (2000). Le cadre analytique ; son intériorisation chez l'analyste et son application dans la pratique. In A. Green, & O. Kernberg (Eds.), *L'Avenir d'une désillusion* (pp. 11-46). Paris : Puf.
- Haag, G. (1990). De l'incorporation des liens aux processus de symbolisation. In *Colloque du GECP, 3, Corps et liens*, Aix-en-Provence, p. 85-93.
- Keats, J. (1820). Ode à un rossignol, *Odes*, Paris : Annales des Beaux-Arts.
- Klein, M. (1930). L'importance du symbole dans le développement du moi. In M. Klein, *Essais de psychanalyse*, Paris : Payot, 1974.
- Klein, M. (1936). Le sevrage. *Revue Française de Psychanalyse*, 77(4), 2013.
- Laplanche, J. (1990). Implantation, intromission. In *Psychanalyse à l'université*. Paris : Puf, 2006.
- M'Uzan, M. de (1977). *De l'art à la mort*. Paris : Gallimard.
- M'Uzan, M. de et al. (2008). *La Chimère des inconscients*. Paris : Puf.
- M'Uzan, M. de et al. (2012). *Le Saisissement créateur*. Paris : Champ Vallon.
- Meltzer, D. (1986). *Études pour une métapsychologie élargie*. Paris : Éditions du Hublot, 2006.
- Ogden, T. (1994). Le tiers analytique, Les implications pour la théorie et la technique psychanalytique. *Revue Française de Psychanalyse*, 58 (3), 2005.
- Searle, J. (1982). *Sens et expression*. Paris: Minuit.
- Villa, F. (2013). Le père : un héritage archaïque? *Présentation orale au 73e CPLF [Congresso Psicanalítico de Línguas Francesas]*, le 9 mai 2013, Paris.

Recebido em 10/06/2014

Aceito em 20/08/2014

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Béatrice Ithier

20 Rue Brey
Paris 75017 – França
e-mail: beatriceithier@yahoo.fr

Ruggero Levy

Rua Carvalho Monteiro, 234/501
90470-100 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: ruggerolevy@gmail.com

© *Revue Française de Psychanalyse*

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA

